





Ferreira Costa & Comp.^a

RUA 15 NOVEMBRO

Em frente á casa

(A. Mourão & Comp.^a)

— PARÁ —

Pedras para acendedores de METAL AUËR legítimo

24 COM PATENTES DE INVENÇÃO
AS MELHORES E QUE MAIS CHISPAS FÁZEM

Grande sortido de acendedores e isqueiros

ULTIMA NOVIDADE

O Acendedor TREIBACH
equivale a 60.000 phospho-
ros de eterna duração
sem mecanismo. Nunca
muda de pedras. Não fa-
zha.

Manda-se a a amostra
pelo correio desde que
se envie a importância
de 3 pesétas, ou 600 réis.

Dirigir toda a corres-
pondencia a

EUGENIO LAMPARTER, Sevilha, S.^{ta} Anna, 9

HESPAÑA (Unico representat^o)



A. MOURÃO & C.^a

Rua 15 Novembro

PARÁ

(Em frente á casa FERREIRA
COSTA & C.)

ARMAZENS

DE

FAZENDAS E MIUDEZAS

VENDAS POR ATACADO

SABONETE DO CONGO = VICTOR VAISSIER

Cold-Crème Albert Simon
negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescém os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.^a — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.^o — LISBOA

Com sello VITERI. O mais ver-
feito artigo de toilette, bran-
queia, perfuma e amacia a
pelle. Tira os cravos, pontos ne-
gros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

II.º 392

25-8-1913

«PARVENUS»:

Alguns jornaes russos, a *Rietch* e o *Novoie Wremia*, caem a fundo sobre a França por causa do anunciado emprestimo turco. Ao que parece, o gabinete de S. Petersburgo notificou ao de Paris a inconveniencia de serem fornecidos pela França capitães á Turquia. Ou o governo francez intervem, cometendo a violencia de se opor a um emprestimo que seria consentido por financeiros privados, ou é gravemente comprometida a cordealidade das relações franco-russas, e, consequentemente, pelo enfraqecimento de um dos dois grandes sistemas de forças, perturbada a estabilidade politica da Europa. Entretanto, ao passo que a resonancia balkanica está determinando um sensivel mal estar internacional, os reis da Bulgaria, da Servia, da Romania, da Grecia e do Montenegro, na maior parte principes estrangeiros sem colocação que os acasos dinasticos foram buscar ás paginas doiradas do almanaque de Gotha, entreteem-se a escrever cartas ingenuas uns aos outros e a mandal-as publicar nos jornaes. Os pequenos estados dos Balkans estão dando á Europa a mesma impressão que nos dão os individuos civilisados á *outrance*: a impressão de *parvenus*.

CRIMINALIDADE:



á atenuação das repressões penaes. Tanzi e Riva á progressão da degenerescencia humana. Fouillé, ainda ha pouco, á romantisação do crime pela ação suggestiva da imprensa. E' preciso que a civilisação destrua o crime, — grita toda a gente, perante o aumento assustador das estatisticas. E, entretanto, o crime, que não será, como Albercht pretendeu no congresso de Roma, uma expressão de normalidade pela afirmação de instintos fundamentaes, constitue, sem duvida, como



INICIATIVAS:

Em muitas vilas e pequenas povoações, ainda ha pouco apagadas e improgressivas, as iniciativas privadas estão promovendo festas, erguendo escolas, fundando asilos, construindo lactarios e hospitaes. A assistencia local desenvolve-se sem pedir um centavo ao tesouro publico. Essas povoações, entre as quaes Alcoabaça e a Amadora occupam um lugar de honra, começam a ter a consciencia da sua força, a utilizar os seus proprios recursos e a libertar-se, clara e nobremente, do providencialismo do Estado, util apenas para o exercicio da corrupção politica.



«CAMILO INEDITO»:

O sr. visconde de Vila Moura, que se tem revelado, nos seus ultimos trabalhos, um escritor de fortes qualidades de análise e de intensa e colorida expressão, acaba de publicar algumas cartas inéditas de Camilo. Sob o ponto de vista do documento literario e como colheita de elementos subsidiarios para a nosografia do grande suicida, a publicação é



singularmente interessante e representa um bom serviço. Resta perguntar — e é essa a unica duvida — se o respeito que á memoria de Camilo e á sua desgraça devem todos os escritores portuguezes, e que no prologo do sr. Vila Moura são sentidamente se afirma, não aconselharia, de preferencia, a delicada reserva d'algumas das cartas agora publicadas. O pudor dos mortos vae além da propria morte; e se os casos de Musset, de Sand, de Hugo, de Sainte-Beuve, consagram um precedente, — não o absolvem. A obra dos escritores pertence ao publico; as suas miserias intimas, — não.

Ilustrações de Manuel Gustavo.

JULIO DANTAS



E resolveram então estimar-se como dois irmãos. Ele era solteiro, livre de compromissos; ela, casada, tinha pelo marido a afeição respeitosa que, se não funde duas almas n'uma só alma, as aproxima de maneira a conhecerem-se e a compreenderem-se. Se não fôra essa afeição, esse respeito... achava Jorge d'uma galhardia tão rara e varonil, d'uma ternura tão espontânea e sadia, que teria consentido na expansão mútua da linguagem em que o amor lampeja sem rebuço, enfatiada do balbuciar furtivo em que as conveniências se espreguicam sem beleza. Jorge, por sua vez, curvara a cabeça, aceitara o ser singelamente o irmão de Leonor. Era preciso, impunha-lh'o a sua intimidade com o marido—esse enfezado e honesto Manuel, seu companheiro, seu amigo desde a Cartilha Maternal.

Só por essas razões consideráveis os dois resolveram não levar mais longe o sentimento que lhes aquecia e aveludava o olhar. E só em atenção a elas juraram, n'uma decisão solene, erguer entre os seus corações, como sebe de espinhos entre pomares, uma amizade bem fraternal.

Mas Jorge, desde certo momento, começou a achar pouco conforme com a realidade o aspeto aparente d'essas relações. Resolvera ser o seu irmão, pensar n'ela como irmão, com a mesma naturalidade afetiva, radicada e intangível como um perfume. Não esquecia essa resolução, não esquecia que assim lh'o jurára, quando ela, apertando-lhe a mão entre as suas mãos trementes, d'uma finura que lembrava as de Gioconda, fitando nos d'ele os olhos languidos, a derramarem tristeza, lhe suplicára:

—Vamos... prometa. Ha-de ser apenas, para mim, o meu irmão mais velho, sim? Seremos dois irmãos um para o outro...

—Dois irmãos—respondera, desalentado.

—Jura?

—Juro.

E jurára. E a sua atitude, que era de angustia

e de prostração, tornára-se, ao jurar, mais conformada do que a d'um ramo dormindo na mesma jarra de cristal ao lado d'outro ramo.

Tudo isso era verdade: a sua promessa, o seu juramento, a sua repentina conformidade—até a alegria subita de Leonor, que a rir, arrazara de lágrimas os olhos castanhos, d'uma meiguice inefável. O que não estava na verdade, era que fossem, um para outro, efetivamente, como dois irmãos. A si, ao menos, nem promessa, nem juramento alteraram o ardor que lhe queimava o peito—o mesmo, o de sempre, cheio de exigências, de perturbação e de aniedades.

Tinha irmãs... e não era assim que lhes queria, que pensava n'elas. As suas irmãs, á semelhança de sua mãe, viviam na intimidade do seu coração como a semente dentro d'um fruto—sem o agitar, sem lhe interromper o ritmo sereno. Sentia-se tão tranqüilo na ausência como na presença d'elas, para quem olhava com amor, mas com um amor que não procurava sequer surpreender-lhes, através do decote, a cõr e a linha do seio. E nunca lhe tremera a mão ao ter de lhes apertar, sobre o pé, o laço de seda que se desatára.

Leonor vivia na intimidade do seu coração—mas á maneira da luz dentro d'uma lampada, iluminando, aquecendo, agitando-se a um simples sôpro, querendo ser chama e abraçar. Surpreendia a curva airosa do seu seio, e o sangue injetava-lhe os olhos. E esse coração tão calmo na presença das suas irmãs, que não batia nem mais apressado nem mais forte se se baixava para lhes apertar o laço d'um sapato, parecia desarvorado apenas Leonor lhe mostrava a carniação do artelho calçado em certas meias transparentes.

Depois, Jorge notava que também ela não mudára profundamente sob a influencia do juramento. Não se ficava, era certo; de olhar distraído e o colo a arfar, como d'antes, quando lhe dizia, hesitando: «Sonhei consigo esta noite. Eramos solteiros. Estavamos noivos. Aproximava-se o dia em que os nossos corpos, unidos, haviam de celebrar a união das nossas almas...» Ela pedia-lhe que se calasse, o olhar sempre distraído, o colo sempre a arfar. E agora, se não lhe fazia identico pedido, é que ele deixára, desde a promessa, de lhe confiar a trama dos seus sonhos. Mas recebia-o amuada, se chegava tarde, censurava-o, se ia a um teatro em que ela não estava; e por mais d'uma vez lhe percebeu, ao canto da palpebra, uma lagrima a espreitar, prestes a correr, só porque lhe falara com mais calor n'uma rapariga loira que ás terças passeava na Avenida.

Não, não era d'aquela forma que ele queria ás suas irmãs, não era d'essa forma que as suas irmãs o tratavam, o recebiam—elas, que até riam, a bom rir, por mais tarde que chegasse, se lhes contava qualquer caso de aventura amorosa...

Decorreram mezes. Ao inverno, um inverno de muita chuva e de muito frio, com impertinencias de velho e coleras de epilético, sucedeu uma primavera afavel, de uma brandura de sorriso, de um colorido de bordado a matiz. O jorrido da casa de Leonor era, todo ele, um bouquet enorme a rescender, a abrir voluptuosamente ao afago morno do sol. O caramanchão, junto do lago, um lago pequenino, cercado de arbustos e

com um fauno de marmore, esguelhado, a vomitar água cantante, semelhante uma *corbeille* de noiva, em que as joias abundavam: o ouro fêco, as esmeraldas, os rubis, as ametistas, as pérolas, divinamente trabalhadas, com o *signé* autêntico do mais antigo e do mais famoso dos joalheiros—esse velho sol que as facetava e lhes dava ainda a luz em que brilhavam. Ela ia todas as tardes para o jardim. E constituía para Jorge o maior dos prazeres o acompanhá-la nos seus passeios sob as árvores, sentar-se a seu lado à sombra confidencial do caramanchão. Ahí, tinha a sensação embaladora de que árvores e flores conheciam o seu amor e o abençoavam. Parecia-lhe que umas e outras se cingiam, em abraços lascivos, n'um exemplo de felicidade instigando á felicidade. O coração dilatava-se-lhe e era novamente com tremuras na voz que lhe evocava sonhos vagos de tempos que passaram. E lia-lhe versos que exalavam mais paixão do que as rosas perfume. Lia-lhe pequeninos contos, previdentemente escolhidos, em que havia sempre duas creaturas, desgraçadas entre a resaca do dever e do preconceito, libertas e felizes sobre a onda crespa do amor correspondido.

Leonor ouvia-o atenta e n'um enlêvo. Mas, por vezes, se sentia uma lenta fraqueza a invadi-la, a deslaçar-lhe os membros e a vontade, soltava um

ligiosamente, na pele tepida e aromática. Havia dias em que implorava:—Outro, por mim, deixa? —E se ela consentia, aproximava a boca da sua boca, de leve, a medo, como quem se aproxima d'um abismo e receia que o pé lhe esborregue.

Mas pouco a pouco foi-se-lhes delindo na memória a lembrança da promessa e do juramento. Voltavam a amar-se com a paixão dos tempos em que não eram irmãos. Impulsivo, sentimental, Jorge esquecia as próprias conveniências, deixava azas aos seus ímpetos de enamorado, frementes de sinceridade. Passara a chamar-lhe «a sua Leonor». Confiava-lhe os sonhos mais ardentes, envoltos no veludo mais macio.

Manuel era bem diferente—pensava ela, com tristeza. Morigerado e frio, preocupavam-no muito os negócios e os achaques, nem reparava nos seus olhos faiscantes. Nunca lhe vira na boca o botão de rosa d'um madrigal—uma só d'essas expressões que afloram, que decotam o seio pequenino e perfumado e resolvem n'um murmúrio de prece. Nunca lhe descobria nas pupilas exaustas, do embaciado dos meteos fêcos, um raio brando de luar, nem sequer deante do seu corpo fresco e rapariga. Todo absorvido nas ocupações diárias, reduzindo a vida á soma das parcelas cuja prova real correspondesse aos maiores lu-



ah! de surpresa, fixando uma flor de recorte e de colorido mais delicado—e ao fixa-la, os olhos brilhavam-lhe como diamantes.

Apontava-a, e n'um tom infantil:

—Que linda! Vamos a vêr quem a colhe?

Ele fixava-a também, no primeiro momento contrariado, e afirmava, logo satisfeito:

—Sou eu.

—Sou eu—contestava.

—Apostamos?

—Apostamos.

—A um beijo?

—A um beijo.

Corriam para a flor, Jorge, mais lesto, chegava antes d'ela, cortava-a, indiferente aos espinhos, se tinha espinhos, que lhe feriam os dedos. —Não vale, não vale...—protestava Leonor, na plena eclosão da sua fresca mocidade expandindo-se.—Prenderam-se-me as saias áquele arbusto...

Jorge, muito serio, entregava-lhe a flor. E ainda muito serio, oferecia-lhe a face, para que pagasse a aposta perdida. E se ela se negava:—Bem, não queria pagar? Pagava ele, fazia de conta que perdêra.

Leonor velava os olhos, sorrindo, e chegava-lhe o rosto, mais macio do que o arminho. E recomendava, o dedo apurado e inquieto a apontar o espaço:

—De irmão, ouviu?

—Sim... de irmão...—Pousava-lhe os lábios, re-

cos, abandonava-a dias seguidos, não lhe lisongeava o ouvido com uma palavra de carinho.

Jorge tinha mocidade na linguagem e no gesto. Adorava-a—e manifestava-lh'o, mesmo em silencio, mesmo nos momentos de formalizada cerimonia. E o que ele sofria, o pobre rapaz, por não encontrar solução para o unico problema da sua vida—o seu amor! Insurgia-se contra o convencionalismo e a impostura—dois muros altos e paralelos, formando um corredor em que mal podiam mexer-se, de dentro do qual não podiam sair. A existencia, que na liberdade natural seria bela como a água corrente, tornava-se intoleravel sob o espartilho dos formalismos que a desfiguravam, que lhe davam a apparencia de pinheiros bravos em vasos de cerâmica.

Leonor ouvia-o e compadecia-se. Se as suas queixas eram mais fundas, mais amargas, chegava até a chorar—e ele, ao vêr-lhe uma lagrima pendente do lacrimal, muito limpiada, a brilhar, bebia-lh'a, sofrego, balbuciando coisas indistintas.

Ora n'uma certa tarde, em que desanimo e dôr lhes sacudiam os nervos, um chuveiro de trovoadas obrigou-os a fugir do jardim. Recolheram á salêta íntima de Leonor, cheia de graça e de conforto no seu todo de miniatura galante, nos seus moveis pequeninos, no seu sofá, nas suas poltrônas em forma sensual de concha. A

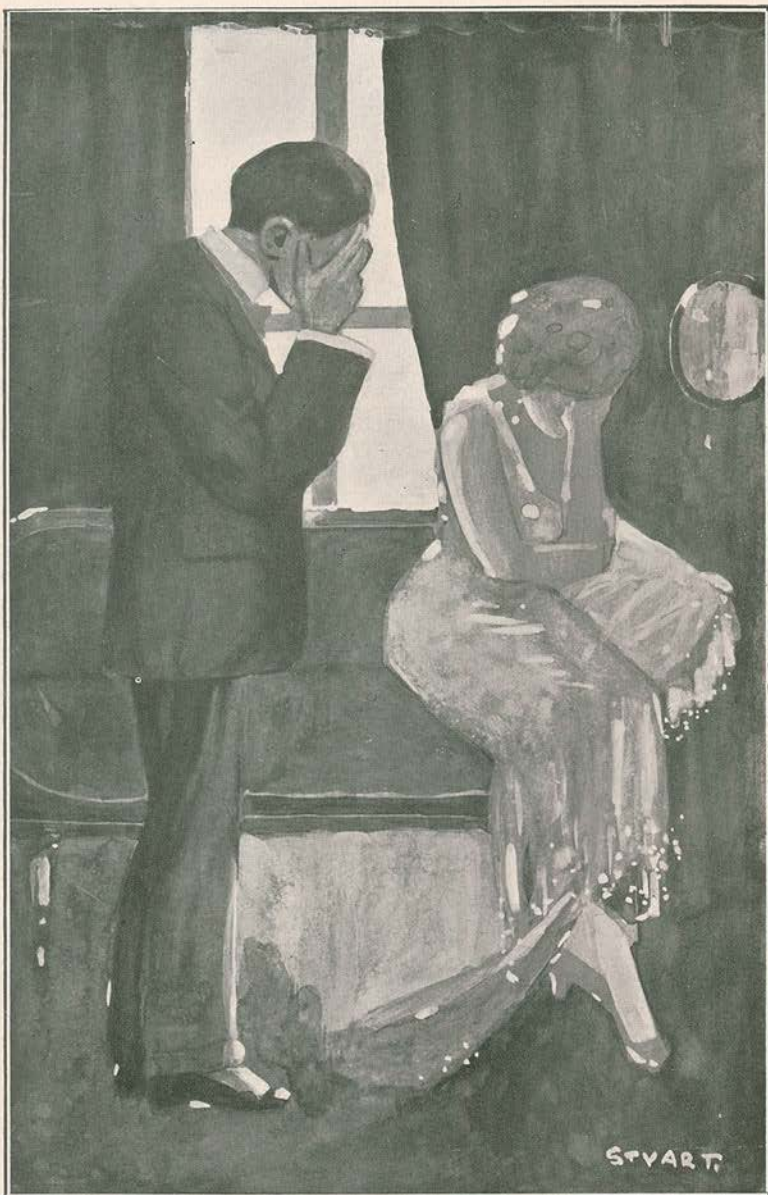
atmosfera pe-
zava. A luz, ve-
lada por corti-
nados de ren-
da, tinha a
tristeza resi-
gnada d'um
extaze e d'um
crepusculo.
Sentaram-se
— ela no sofá,
ele na concha
almofada da
poltrona.

Sentados,
fixaram-se,
n'uma mudez
em que paira-
va o misterio
dos pensa-
mentos que se
não desnuda-
dam. E como
os olhos d'ela
se enchessem
de lagrimas,
Jorge puxou-a
a si, branda-
mente, pedin-
do-lhe perdão
pelo que a fa-
zia sofrer. Por-
que chorava?
Amavam-se?
A mentira re-
presentava
sempre um
crime — a ver-
dade, mesmo
a que levava
á morte, era
sempre a ima-
gem triunfan-
te da luz. Ama-
vam-se, sim, e
muito; a ver-
dade exigia-
lhes que um
ao outro o dis-
sessem, que fi-
zessem do seu
amor á luz da
sua vida.

Ela, n'um
dôce enerva-
mento, deixa-
va-se embalar
na musica das
suas palavras.
A' das pala-
vras succedeu
a musca dos
beijos. A' dos
beijos a do si-
lencio. E d'ahi
a pouco, Leon-
ôr, acordava
nos braços
fortes de Jor-
ge, erguia-se
como desvai-
rada, encarava-o, cheia de pavôr. E levando as
mãos á cabeça, n'uma angustia:

— Meu Deus! O' valha-me Deus! E tinhamos ju-
rado amar-nos como irmãos!

Ele, silencioso, vergou o busto para o chão.
Sentia-se aniquilado. Via desenhar-se no tapete,
n'um fundo negro de remorso, o vulto enfermeço
de Manuel, do seu amigo, tão leal, tão mal cor-
respondido na sua lealdade. Mas, como ela vol-
tasse a soluçar a sua culpa, Jorge replicou, co-
movido, os olhos sempre no chão:



— Pois sim, como irmãos... Irmãos no amor
e na anciedade. Juramos? Que importa? Como
querias tu, minha Leonôr, que duas palavras ge-
lassem dois corações? Como irmãos! Irmãos dois
seres que se não encontram ao nascer, que ao
encontrarem-se desde logo se amam e para quem
o amor é como o espaço para as aves — para onde
naturalmente fogem, n'um descuido, por melhor
e mais segura que seja a gaiola em que as prendam...

SOUSA COSTA.

Caído do Ninho

Quem não conhece a *tutinegra* de rabo-louro?

Mesmo aqui, nas ruas de Lisboa, onde só abunda o esperto e confiado pardal, também se vê a interessante avesinha, uma das mais retardatárias na segunda postura. A's vezes, é até pelo verão dentro que a vemos entrar e sair, n'um motu-contínuo, de um dos buracos d'esses enormes paredões de suporte, onde se aninham também pombos e pardaes.

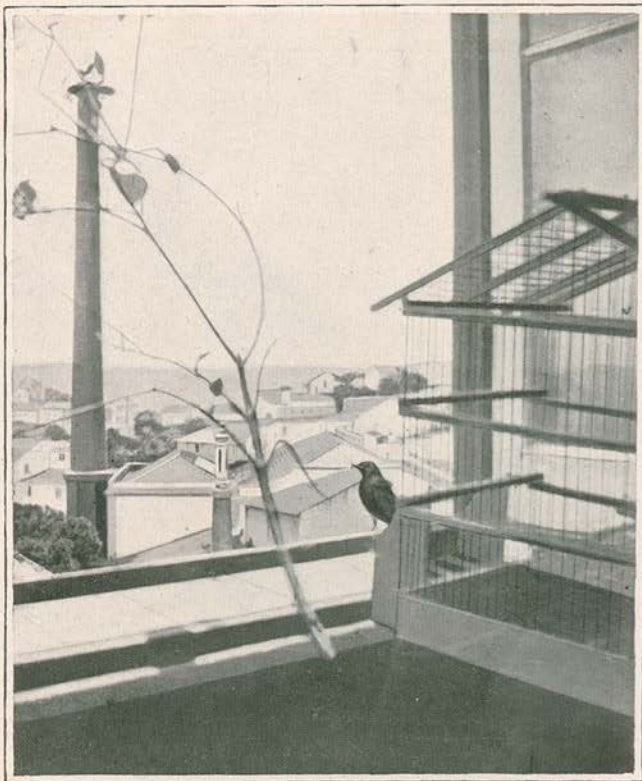
Com que coragem já vimos afrontar as pedradas de garotos desalmados um casal d'elas que fez o ano passado ninho no muro do Conservatorio! Sob risco de serem alcançados por uma pedra e caírem mortos, tanto o macho como a femea nunca deixaram de levar o biscato aos filhos. Simpaticas avesinhas, tão mal compreendidas na sua formosa lição de amor e de abnegação pelos filhos!

O mez passado deu-se com a *tutinegra* de rabo louro um caso deveras singular e que eu, confesso, não acreditaria se m'o contassem e não o visse. Na ocasião em que a M. passava com umas amiguinhas ao pé dos Arcos das Aguas Livres, de regresso de um passeio, um rapazito acabava de levantar uma *tutinegra* novinha, mal empenada, que caíra do ninho, metido n'uma fenda alta da parede. A pobresinha estava atordoada, meio desfalecida; mais para morrer do que para viver. O rapaz deu-a á M., que a trouxe com mil cuidados nas mãosinhas, fechadas em concha, bafejando-a de vez em quando e muito satisfeita por ela ainda abrir os olhinhos ao sentir o seu halito quente.

Chegada a casa, arranjou-lhe um ninho de algodão, abriu-lhe cuidadosamente o bico e deitou-lhe por ele abaixo uns minúsculos fios de carne cozida. E a refeição, variada com uns bocadinhos de pol-

pa de ameixa, repetiu-se no dia seguinte tão bem e com tanto proveito que a avesinha já abria o bico por si e não parava no algodão. Teve de se meter n'uma gaiola, colocando-se esta pela parte de dentro da janela d'um quarto do ultimo andar, inacessível a qualquer bichano guloso. E a janela conservou-se aberta dia e noite n'aquelles dias de calor intenso.

Ao terceiro dia o passarinho não quiz tomar a sua primeira refeição da manhã, seriam umas 8 horas. Esta inapetencia cau-



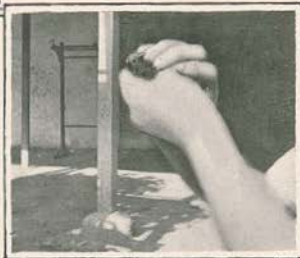
Trazendo o biscato para o filho.

sou natural sobresalto á dona. Mas... doente, ele não estava, porque saltava e piava com visíveis mostras de saúde. O que haveria?

Não tardou o misterio a aclarar-se. A ponta do espigão do telhado frondeiro possuía uma *tutinegra* macha, toda esbelta, o corpinho de um negro luzidido como o dos melros, e o rabinho louro como um

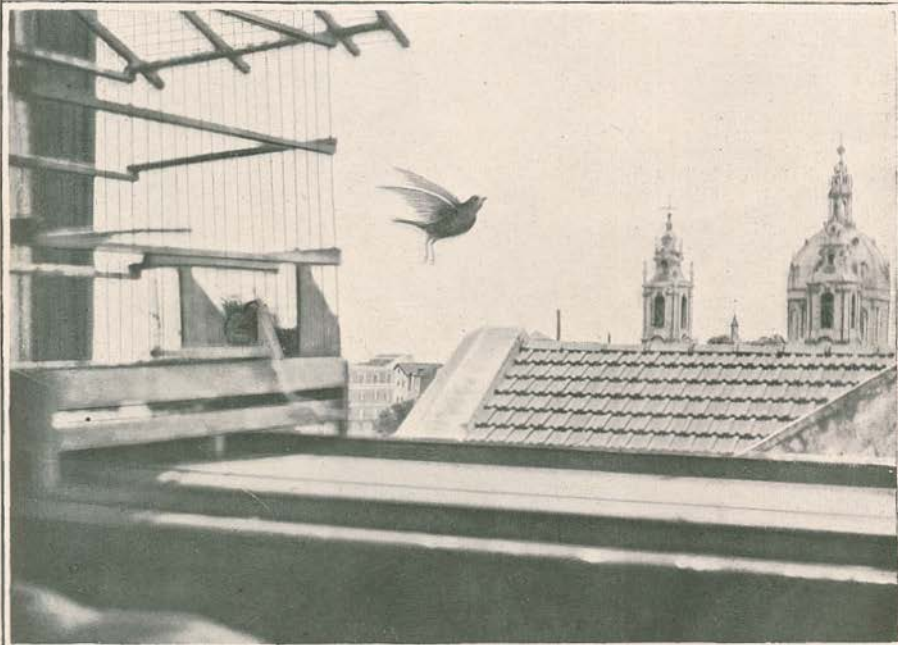
leque mal fechado. Trazia um bicharoco no bico e pôz-se a chilrear fortemente. De cá, da gaiola, os pios redobram e o pequeno prisioneiro, de bico aberto, metia o pescoço doidamente pelas grades.

Era o pae do passarinho! Mas como veio ele dar ali com o filho? De tão longe, mais de kilometro e meio, atravez de quintaes e da casaria, por onde até uma pessoa se perde, dos Arcos de Campolide á Estrela! Impossível admitir que ele seguisse a creança que lhe levava o filho; impossível admi-



Um carinhoso meio de transporte.

E, como eu duvidei, asaltou-me o terror, sim, o terror, de não me acreditarem tambem ao contar uma das cenas, passadas com irracionaes—chamemos-lhe ainda assim—que até hoje mais estranhamente me abalaram a alma... Uma ideia!... Vou registar de alguma fórma esse facto. Desço a escada n'um pronto. Levo do quintal um pequeno ramo para vêr se a tutinegra pousava n'ele, por que, aconchegada ás grades da gaiola, não se distinguia no «cliché.» Prêgo o ramo no peitoril da janela ao pé da gaiola, prendo



Esvoaçando com medo.

tir uma agudeza de instinto que na sua aflicção o impelisse, depois de tatear pela cidade, até ali á procura do fruto do seu amôr; será tudo impossível, será tudo inverosímil, será tudo discutível; mas o facto é que a tutinegra encontrou o filho. Explique-o quem o souber.

Quando m'o comunicaram, duvidei. Subi ao quarto e puz-me á espreita. Como vedora realidade! O pae, depois de pequena espera, chega, agarra-se á gaiola e dá de comer ao filho. Que encantador quadro formavam as duas creaturinhas!

um lençol na bandeira da porta e por detrás d'ele, de kodack firme contra o peito, espero a tutinegra. Fartou-se de dar de comer ao filho sem poisar no ramo. Uma coisa tão viçosa não brotava de um momento para o outro de uma taboa tão seca! Ali havia por força ardil de passarinho; visco, por exemplo. Mas uma vez que ela poisou mesmo á borda do peitoril, não confundida com a gaiola, dei á alavanca. Estava linda! Cabecinha muito erguida, olhar vivo e desconfiado, ora no filho, ora no lençol, um bichinho a traves-

sado no bico e o sol a pôr-lhe soberanamente nas penas brilho de ébano brunido. Estava linda, estava!

E, quando ela reconheceu por detraz do lençol o bicho homem, o pior bicho que ela sem duvida conhecia, porque a fêmea certamente fôra caçada, pois nunca aparecera n'aquela piedosa faina d'amôr, entrou de esvoaçar medrosa e o kodack tambem entrou em função com certa felicidade.

En vai decime da minha

guias para voar. Imagine-se o pae poisado ali perto e a porta da gaiola aberta de longe por meio de uma linha, deixando o pequeno sair, sem ser espantado, a ir reunir-se-lhe, fotografando os dois no momento da partida para nunca mais os vê! Que deliciosa legenda: «O ultimo adeus!»

Como seria belo! Todos os preparativos se fizeram com rigor e puz-me álerata. Veiu o pae e pousou. Puxei a linha, a porta abre-se, o passarinho enfia por ela com inacreditavel vertigem e o pae, mal o vê sair, levanta logo o vôo, talvez com receio de que o filho não soubesse ainda que era preciso partirem sem demora de um segundo!

E lá partiram ambos sem deixar um «cliché» da sua partida, nem levar talvez saudades de quem reanimou o pequenito com



1. O aqeduto das Agnas Livres onde estava o ninho.

2. A distancia de kilometro e meio a que foi transportada a pequenina turtinegra caída do ninho.

(Cliché de Benolie)

obra; mas lá disse o grande Herculano algures que o pecado que se pagava mais caro era o pecado da vaidade. E o mestre de todos nós tinha razão. Não tardou muito que eu pagasse o meu, e de que fórma!

A coroação, o «clou» do meu trabalho fotografico, seria no dia em que se dêsse a liberdade ao prisioneiro, quando tivesse

o seu halito quente e com uns fiosinhos de carne cosida tão carinhosamente escolhidos!

A. M. F.



3. A janela onde estava colocada a gaiola do passarito.



Figuras e Factos



PARTIDA DA COMPANHIA DE SAÚDE PARA AS ESCOLAS DE REPETIÇÃO

Antes da partida na parada do regimento

A saída da companhia do quartel de Campo d'Ourique

Dernières Lettres d'un Poitrinaire à sa Française

Impossível (Romance)



Madame Frondoni Lacombe
autora da plaquette de versos
Lettres d'un poitrinaire à sa fiancée

Madame Lacombe, a pacifista ilustre que creou em Portugal uma delegação da obra da Paz e que se tem dedicado com êxito à poesia, acaba de publicar em francez e portuguez uma *plaquette* onde um tísico mez a mez vae anotando sentidamente a sua dôr à medida que espera deixar só a mulher estremeçada.

O romance *Impossível* é a estreia literaria da sr.^a D. Laurentina de Jesus que inicia a sua carreira com verdadeiro entusiasmo como demonstra nas paginas da sua obra.

E' de esperar que continue do mesmo modo, sem desanimo, a trabalhar a novela com a sua decidida vocação.



Sr. D. Laurentina de Jesus
autora do romance *Impossível!*
recentemente publicado



Pic-nic realizado nas minas de wolfran, Serra da Estrela, pelo conhecido grupo dos makaveucos Gouvencens

(Cliché do fotografo amador sr. Rodolfo S. Graça)



Os foot-balls portuguezes que foram ao Brazil, no seu regresso a bordo do *Orla*

(Cliché de Benoliel)



O Rancho Alegre Mocidade da Baixa, de que é ensaiador o sr. Pedro Anibal Borges e que muito se tem distinguido nos arredores de Coimbra.—Cliché do distinto fotógrafo amador sr. Lourenço Ascencio).



Depois da representação da peça *Peraltas e Secios* no Club Estefânia vindo-se no meio do grupo o sr. João Mendes, ensaiador Tomaram parte n'esta recita as sr.^{as} D. Maria de Menezes Alarcão, D. Fabia H. Novaes, D. Justina de Seena Magalhães, D. Angela Garcia de Moraes, D. Julia C. de Miranda Lemos e os srs. Raul Bensabat, Raul Coelho, Manuel R. Junior, A. L. de Souza, Alfredo Berneaud, Alfredo Grilo, J. Xavier da Costa, Eduardo Vasques, Virgilio Ribeiro, J. Rocha Neves, Emidio Grilo, Paulo Berneaud, Jocelyn Campos, Eugenio Rodrigues e Guilherme Pereira Rego.

Drama do Ciúme
O romance «Drama do Ciúme» da ilustre escritora sr.^a D. Maria O'Neill é mais uma afirmação do talento da sua autora que por outros anteriores trabalhos conseguiu uma posição de destaque nas letras que cultiva como uma distintíssima profissional do livro e da crónica.



Sr.ª D. Maria O'Neill



Sr. Lopes de Mendonça

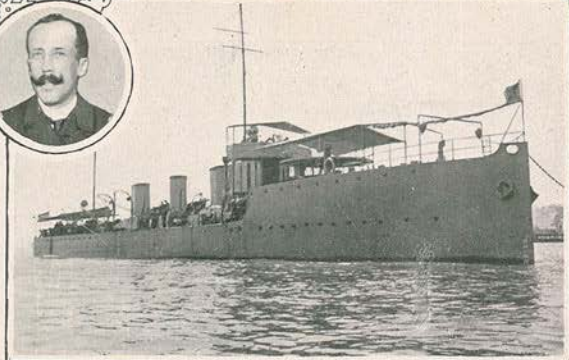
A poesia pastoril na antiguidade
Lopes de Mendonça, cujos triunfos como autor teatral são ininterruptos desde a sua primeira peça o «Duque de Vizeu», não esquece a sua qualidade de erudito que mais uma vez mostrou na sua bela conferência «A poesia pastoril na antiguidade», agora publicada em volume.



1. Sr. Joaquim Rodrigues Costa, moldador mecanico, falecido em Lisboa.—2. D. Maria Tereza Abrunhosa, mãe do capitalista sr. Pinheiro de Melo, falecida em Lisboa.—3. Sr. dr. Itibiré da Cunha, ministro do Brazil em Berlim falecido n'esta cidade.—4. Sr. Luiz Filipe d'Almeida Couceiro, condutor d'obras publicas falecido em Lisboa.—5. Sr. José Barbosa Marinho, guarda-livros falecido recentemente.

O «destroyer» Douro do comando do 1.º tenente sr. Agnelo Portela, deve incorporar-se na divisão naval em manobras de que fazem parte o Vasco da Gama, Adamastor e S. Gabriel.

Realisou



1.º tenente sr. Agnelo Portela, comandante do Douro—O «destroyer» Douro.
(Cliché de Benoliel)

ha dias a regulação das agulhas tendo deitado quinze milhas á hora só com uma caldeira a funcionar.

Ao largar da boia o navio partiu o virador fundeando depois no seu ancoradouro.

Longe da vista...

O autor da «Fidalguinha da Levada», o romancista sr. Alexandre Malheiro não descança nos seus trabalhos literarios.

Acaba de publicar mais um volume que intitulou «Longe da vista...» e que merece as atenções do publico como todas as obras do distinto escritor.



Sr. Alexandre Malheiro.



Sr. dr. José d'Azevedo Castelo Branco

Ao cair da folha

O livro «Ao cair da folha», com que o sr. dr. José d'Azevedo Castelo Branco parece querer fechar a sua carreira literaria, é uma admiravel coleção de paginas onde prepassa, n'uma emoção lirica, a perturbada evocação d'uma juventude distante.



Grupo de alunas que tomaram parte no magnifico concerto de piano promovido pela eximia professora sr.^a D. Maria da Gloria Viana Pinheiro, no palacet do considerado capitalista sr. Placido Antonio Ferreira, na Povoação de Varzim, reunindo-se n'essa festa encantadora a sociedade mais distinta d'aquela vila

1.^o plano da direita para a esquerda: as meninas E. de Araujo Nelson, Maria Carolina Soares Calheiros e o menino Alfredo Soares Calheiros—2.^o plano, as sr.^{as} D. Helena d'Araujo Faria, Aida Araujo Faria, Maria Isabel Araujo Faria, Mari Frota Ferreira, Palmira Maria da Nova, professora sr.^a D. Maria da Gloria Viana Pinheiro, Maria José da Silva Pereira, Maria da Conceição Faria Machado e Rita da Silva Torres—3.^o plano: sr.^{as} D. Maria d'Assunção Lapa Carneiro, Alice Faria Machado, Palmira da Cunha Gomes, Maria d'Azevedo



Neves, Zulmira Maria da Nova, Cecília Lapa Carneiro, Maria da Nova, Cecília Lapa Carneiro, Maria Amália Dias Ramos, Rachel Lapa Carneiro e Joana Frota Ferreira



1. Reverendo Manuel Nunes, pároco d'Aldeia do Bispo falecido recentemente.—2. Augusto Bebel, o grande socialista alemão, falecido em Berlim.—3. O tenente sr. Manuel Teixeira de Carvalho, recentemente falecido.



O sr. dr. Adelino Furtado, governador civil do Algarve na sua visita oficial a Monchique com varios elementos do partido democratico 1.^o plano as senhoras que ofereceram o copo d'agua, no 2.^o plano da esquerda para a direita o sr. Julio Quintela, administrador de Fortimão, Dias, Antonio Paula, sr. dr. João Barbosa, administrador d'Albufeira, o governador civil, dr. Feliciano Santos administrador de Faro, maestro Russell, dr. Silva Nobre, sr. J. Carlozo presidente da Camara de Monchique (Cliché do distinto fotografo amator sr. Gracindo Faial)

Retificação do juramento de bandeiras na armada



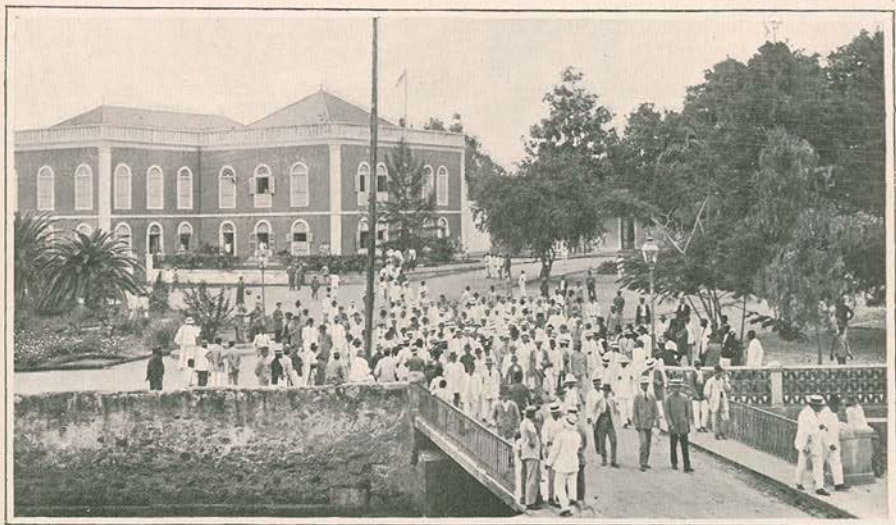
1. Os recrutas retificando o seu juramento.

2. O sr. ministro da marinha, o seu chefe de gabinete e ajudante d'ordens com o capitão de mar e guerra sr. Alves Loureiro comandante do corpo de marinheiros e o seu ajudante.

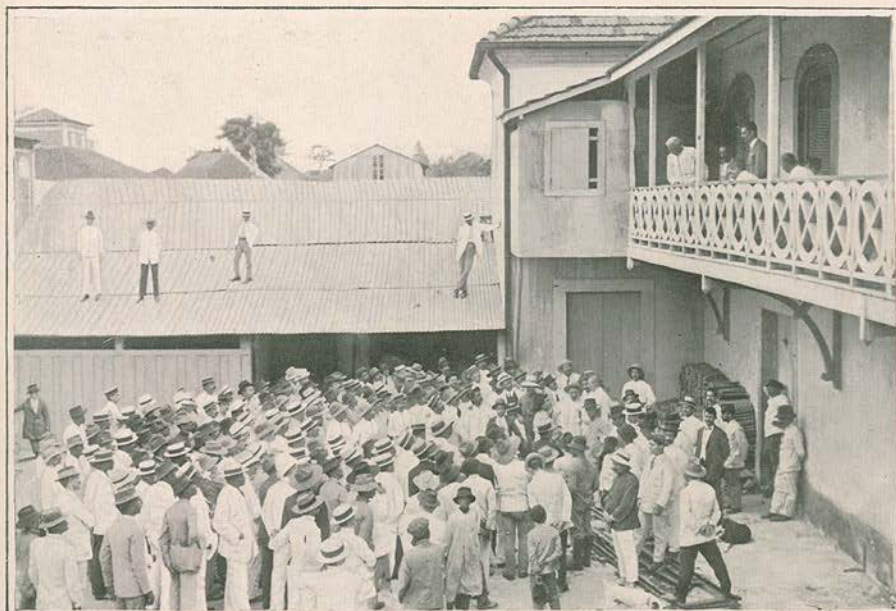


O sr. ministro da marinha falando aos recrutas do comando do tenente sr. José Francisco Monteiro.
(Clichés de Benoliel)

O comício em S. Tomé



O regresso ao palácio do governador depois da entrega da mensagem de protesto



Aspeto do comício promovido pela Agricultura e Comercio de S. Tomé, a que presidiu o sr. dr. Bossa Veiga e cujo fim era protestar contra a fôrma porque o curador tratava os serviços. O comício deu em resultado o castigo d'este funcionario—(Cliché Sousa, de S. Tomé)

As Lavadeiras de Ave

No «Ave», á luz de oiro do meio dia, lavam raparigas sem conta, cantadeiras, afadigadas, felizes.

Com agua pelo joelho e curvadas dos rins para uma lapa, o sol joeira e encanta as ondulações que elas promovem pelo rio, agitando a roupa; cobre em redor as arvores verdes e multiplices dos salgueiraes; morde em onda, lá adeante, os cen-

O' agua do regadinho,
ó agua de ter flôres;
corres das bandas do norte,
vae chamar os meus amôres.

Ali não ha lavadeira nova, casadeira e bonita que não cante entrementes que vae batendo na lage o rolão pesado dos lençoes, de modo que o ar fluido de estio,



Esperando a roupa.

teios crespos e maduros, dos campos abertos pela clareira alegre dos vales; e sobre elas proprias, caindo e rindo, parece querer-lhes emoldurar as canções de desgarrada, soltar para nascente, para as terras onde rapazes avisados sacham pelos rêgos azulados d'agua e atendem, amorosos, a cantoria:

deliciosamente empoado de oiro sob os ceus calmos e brandos, constantemente se engraça, ora de cantos livres e altos que se prolongam em ecos pelos vales satisfeitos e tranquilos, ora de duras pancadas de roupa nas lapas brunidas, que são como estoiros subitos de bombardas festivas.

E' um regalo fazer a sêsta á sombra caída dos salgueiros, nas margens do coeante e luminoso rio da minha terra!

Das raparigas, n'aquela faina que tem aspêtos ruidosos de arraial, umas chegam com os cestos barreiros á cabeça, que logo despenham para aservas de pasto em que costumam regalar-se as ovelhas de aprisco, pelas tardinhas cristãs, quando os ceus religiosos estampam vitraes de violeta e oiro; outras, arregaçadas e de saias mostrando o joelho, estendem entretidas, na herva meiga, panos crespos e largos de lençoes, alvaiando ao sol generoso, e que vão clareando as paizagens; ou-

com os braços nús armando em arco á nuca, estendem-se ao ar livre na mandria da sêsta, desoprimindo o busto forte do chabre de chita em flôres e chocalhando no seio, das voltas preguiçosas na relva fresca, as contas de oiro, grossas, que rebucam nos dias de romagem aparatosa.

Então a paizagem do rio, ao brunido ar spasmodico da canicula, retrata uma harmonia de colorido singularmente forte e peitoral.

Semi-cerrando os olhos e alongando depois, atravez a fusão tremula dos aspêtos, esse sentido mental de anciosa e curiosamente os moldar e enquadrar, resulta-se



Procurando o sabão.

tras, no rio, entre as penhas brutas que se tufam de verduras, mergulham os aguidares de Barcelos, encarnados e grossos, onde lavam miôtes de creança ou n'êles recamam, torcidas, peças finas de roupa, em que as rendas se amarfalham e murcham da sua fresca graça imperial; e outras mais, em quem as côres põem fogos de imprevisto e alegre alvoroço, joeiram para a roupinha a côrar pelos prados averdescados e ovelheiros a prata d'agua que o crivo dos regadôres pressurosamente despenha, em grande chuva luminosa.

Na enorme sombra verde pesada da margem baixa do norte, onde as vespas revoam e adormecem a folhagem tranquila e quente, raparigas escarlates da soalheira,


em conjunto uma telescopia brilhantissima, em que toda a anterior crespura e desalinhamento das decorações se aveludam e retratam em um só efeito harmonico, e produzem, como n'um quadro de mestre, uma imagem inesquecivel—só digna de uma paixão como a que eu sinto por estas verduras deliciosamente meigas.

Mas o «Ave», n'esse imenso quadro lirico de Santo Antonio das Taipas, tem dois golpes de vista interessantissimos: um ruidoso, o outro platonico e brando.

Do lado de lá da ponte de nobre arcaria romanica, a paizagem parece entesourar bondade, como velada pelo doce espirito de Virgilio, á grande eolia dos salgueiros

marulhantes. Parece ter-se dado ali, n'aquela aldeia sempre verde, entre o corte monumental de um pontilhão avoengo, aquele caso tão conhecido de dois filhos do mesmo casal se manifestarem, por reflexo dos temperamentos conjugaes: um folgazão, que gostasse de jornadear por romarias, entre descantes, danças e procissões; o outro sereno—e sereno até aquele estado de cisma de se ficar horas e horas revendo-se em seu ingenuo e dôce mundo interior, para o qual as paizagens são um prolongamento d'essa mesma doçura e ternura da alma enlheiada.

Ali, como n'um fecundo momento religioso, tudo é silencio e graça. Em redor, em sucessivos cor-



tes amplos de verdura, tallham-se as margens crespas e doiradas do rio, que na fusão geral dos elementos vegetaes dão, á primeira vista, a impressão de uma enorme e irregular bacia contendo todas as lentas aguas da corrente á margem árida dos grandes lastros brancos, vulgarmente chamados «bancos d'areia.»

No entanto, pela inclina-



As lavadeiras do norte.



E ali, proximo, pelo meio das aguas, a grandes distancias e irregularmente, penedos toscos em que a secura dos musgos teem como que a lâ aspera de um habito de eremita primitivo, racham violentamente e como que sobre a influencia das aberrações caniculares, e espirram da infiltração lenta das terras assopradas pelos ventos, na violencia dura e desabrida dos invernos, tufos anciosos e impertigados de verdura parasitaria, sobre si propria arredonda até ao proposito do mais belo interesse decorativo. E sobre esta paizagem de idilio e abstração, em redor crespa e espessa de verdes; subida a um iado para a encosta sobretraçada de milheiraes, do outro abrindo para longas planuras assombreadas de soutaria; enternecida de aguas correntes e harmoniosas, que largos areas doirados e reverberantes tentam absorver, e que fecha, azulada, a cupula mais bela da atmosfera mais fresca e pitural — sobre esta paizagem passa e brinca, pela agua estremeçada, pela verdura ingenua, uma brisa ressonante, de egloga que é, pela harmonia misteriosa dos seus marulhos femininos e tristes como que a expressão ritm ica do formosissimo espirito d'esta aldeia.;

ção de uma linha reverberante de areal, ao fundo norte da paizagem, compreende-se ser ali o local de entrada d'aquela constante e larga peregrinação aquatica do «Ave», verde e surgindo sob a projecção harmoniosa das arvores quietas; e sobre as quaes, ainda, n'um ou outro arrepio das aguas, isolado, se dissolvem as tintas azues do espaço brunido e calmo, de onde em onde ligeiramente espumado de nuvens claras. Mas para traz d'aqueles primeiros choupos gigantes e ortigaes poeirentos, que n'um amavel claro-escuro de estio, desdobram a imagem de abstração sobre a agua limpida e tranquilamente corrente — para traz e sobre esse crespo, verde e doirado rebordo circundante, campos de cultura, bouças assombreadas e mordidas de matalgal descrevem na paizagem, para um e outro lado, ora uma rabina atijolada de terra, por onde se aproveitam e atalhõam leiras compridas e triangulares de milheiral, á feição do monte e com a defeza dos tojos e ervedos inuteis; ora abrem clareiras de floresta, nas terras baixas e entre os troncos corpolentos dos carvalhos, sob que se arrestolham os matos doirados, quasi rasos e poeirentos.

E' uma paizagem de tintas leves, d'uma fusão harmonica de verdes pingues, nos carvalhidos redondos a recortarem-se ao longe, no horizonte fluido de pratas, pelo céu azul ferrete — monotono do reflexo longinquo do sol entre nuvens, n'outros céus.



1. Um pico no pé.—2. A' espera do namorado.
(Clichés Alvão, do Porto)

E' n'ele, n'esse marulho elastico e coleante, que ainda se escutam, do longe, os cantos ardentes das lavadeiras!

Alfredo Guimarães.

A visita do consul em Zanzibar á capital da Africa Oriental Ingleza



1. Camara portugueza do comercio de Nairobi: srs. 1, José de Souza; 2, R. A. Nazarte; 3, consul portuguez, Aristides de Souza Mendes; 4, Amato Dias; 5, dr. R. Ribeiro; 6, sr. Antonio C. Fernandes; 7, Julio M. Campos; 8, L. P. Campos; 9, R. Zuzarte; 10, B. Rodrigues.

O consul geral de Portugal em Zanzibar visitou a capital da Africa Oriental Ingleza, Nairobi, sendo recebido com as maiores demonstrações de jubilo e tendo a colonia portugueza sido de extrema gentileza para com o representante da Re-



publica diante do qual formulou a sua adesão ao novo regimen.

Tanto em Nairobi como em Mombaça, foram estabelecidos centros republicanos o que prova o interesse com que os nossos compatriotas se ligaram ás instituições.

Aspêto do banquete oferecido ao consul geral de Portugal em Zanzibar pelo centro republicano Manuel d'Arriaga, ao qual assistiram os principaes funcionarios Inglezes e outras pessoas de representação n'aquella cidade.



A comissão directora da União Goana que representa a colonia portugueza de Nairobi no dia em que foi apresentar a sua adesão á Republica Portuguesa perante o consul geral sr. Aristides de Souza Mendes.

Passeio ao Bussaco promovido pelo Grupo dos Cinco, do Porto



1. Em convívio de amigos—2. A Ponte da Pedra, no Bussaco, ao cair da tarde.—3. Um grupo de collegias no Bussaco
(Clicks do distinto fotografo amador sr. A. Oscar Monteiro)

A Educação Racional no Brazil

Raros são os collegios particulares no Brazil, que não obedecam, cegamente, aos programas da didactica official. Talvez não seja de mais attribuir essa passividade pedagogica ao receio de applicar o que em materia de racionalismo escolar se tem feito na Europa. Acontece, porém, que logo que haja um estabelecimento de ensino que rompa com os velhos e obsoletos preconceitos e demonstre os efeitos praticos de uma educação racional, fatalmente que todas as atenções hão de convergir para os seus processos educacionaes. Foi o que se deu com o bem dirigido **COLEGIO PROGRESSO PARAENSE**. Ao Pará cabe a honra de possuir



Sr. Artur Porto, fundador do collegio

tura de analisar, detidamente, como um cerebro pequenino evolucionaria, desde que o professorado saiba comprehender o conselho de Rousseau:—Deixae amadurecer a infancia nas creanças». Ouvimos pettez ter opiniões proprias, para vergonha dos homens que pedem a outrem raciocine por eles... Se até, então, nos fossem desconhecidos os processos racionalistas do ensino, bastaria a visita que em nome da *Ilustração Portuguesa*, fizemos ao já acreditado collegio paraense, para ficarmos convencido de que só a educação racional das creanças é que pôde libertar as futuras gerações de todos os prejuizos convencionaes.



O curso de direito da Universidade do Pará em 1913, ao centro o illustre professor e publicista dr. Augusto Meira

a melhor escola particular do Norte do Brazil; ao seu illustre fundador, dr. Artur Porto, a posição invejavel de se ver rodeado de creanças que o estimam e adoram.

Assistimos aos trabalhos escolares e vimos a intelligente direção da dinamica pedagogica na permuta, incessante, de relações entre professores e alunos. Observámos a feliz escolha dos mestres e a docilidade dos discipulos. Foi-nos dada a ven-

Obedecendo a uma idéa preconcebida, o fundador dr. Artur Porto, abandonando a advocacia por completo, onde ganhára um nome á custa do seu talento juridico, confessou-a n'um discurso, a quando festejou o 6.º anniversario do Collegio: «A minha preocupação, fixa, foi sempre a educação da mocidade. Quando meus filhos precisaram de um meio pedagogico onde se educassem para futuros cidadãos de uma patria grande, não hesitei



Ensino de ginstastica



Um aspecto do ensino físico

em fundar esta escola, de acordo com as idéas modernas, isto é: educação em família, combate à mentira, à hipocrisia e ao espirito de rotina da falsa pedagogia; a pratica da higiene moral e física; elevar o culto da personalidade para formar um caracter independente; o do sentimento do dever com os hábitos do trabalho; emprego dos metodos racionais e intuitivos em todos os cursos, tornando assim a instrução menos penosa, mais educativa, e, sobre tudo, mais alegre á força de exercicios e jogos salutareos, canto coral. Em suma: perseverante cultura civica por meio do estudo da historia nacional e da historia dos povos com a comemoração das grandes datas e dos heroes em grandes festas escolares, etc.

Vencendo, aos poucos, os obstaculos que os missionaristas da educação lhe tem creado, o digno diretor d'esse garrulo bando de estudiosos paraenses, que não de honrar o seu paiz, nada receia que o estorve, tão consciente está de que só os homens raros como ele dominam. Submetendo-se a um criterio generalizador, como todos os grandes educacionistas, soube rodeiar-se de creaturas inteligentes, boas e dedicadas, que amam as creanças e as respeitam como a elas proprias. Delineou um plano de estudos, o mais consentaneo com a reforma do atual ministro do interior, dr. Rivadavia Correa, menos na parte, aliás criticada asperamente,

cado de exame de admissão ás Academias Superiores, variando conforme os seus fins. Essa parte é que o COLEGIO PROGRESSO PARAENSE não quiz respeitar, mantendo a sua organização de ensino, reagindo sempre contra a tendencia geral do industrialismo: crear um pretendido curso de admissão. Os seus certificados teem valor dentro do Estado e habilitam para a matricula na Faculdade de Direito do Pará.

Habil perscrutador do meio ambiente, chegou ao convencimento de que são pouquissimos os professores que de coração se entreguem a tão nobilissima carreira. Para obviar esse prejudicialissimo mal creou o Curso Normal a fim de preparar, sob um criterio modernissimo, os futuros professores primarios de alevantado ideal e consciente mistar. A educação é mixta, o que demonstra o espirito orientado e altivo que assim sabe romper com a separação dos sexos em materia escolar. E não julgem os timidos paes que suas filhas são menos respeitadas por isso; pelo contrario vi os meninos e as meninas permutarem explicações, subsidiando-se mutuamente, sem aquele sorriso sublevo que vimos entre alunos e alunas que se não conhecem. E o que é mais interessante é que não existem inspetores; a fiscalização é feita pelos proprios escolares de ambos os sexos. Desde o ensino primario ao ultimo ano



Uma aula de física, química e historia natural, dirigida pelo sr. dr. Honorato de Figueiredo



Classe de ginastica sob a direção do sr. dr. José Malcher, filho.

em que é preconizada a liberdade de ensino secundario, sem curar da competencia do professorado dos collegios, exigindo somente um certifi-

do Curso Secundario, em que o aluno desce á vida com a consciencia do seu proprio eu, os metodos são o mais racionais possivel. Não ha aula em que

a criança se não sinta á vontade, que é meio caminho andado para a captação do seu raciocínio. O sistema de ensinar as primeiras letras é intuitivo, por meio da imagem, com elementos que a criança apreende facilmente. Por este processo moderno de leitura entra de conhecer um



Uma turma de alunas da aula de ginastica calistenica

certo vocabulario grafico por atos repetidos de associação de idéas, que lhes dá novos estímulos. O professor utiliza o habito mental adquirido na aprendizagem falada, porquanto, como diz um escritor:—O antigo metodo de decorar sílabas, elementos inexpressivos, é um recurso meramente artificial e, peor do que

vimos trabalhos de extrema simplicidade, porque simples são os motivos que os geraram, analisamos outros que possuem verdadeira perspicacia estetica. Só depois de adquirida a facilidade de

isso, um processo contrario em absoluto ás leis historicas da evolução do cerebro humano, as quaes, por atavismo, a criança vai reproduzindo no decurso do seu desenvolvimento. As conversações sobre assuntos de quadros moraes, graduados, e contendo em anos superiores lições moraes, preparam, desde o segundo ano, os alunos a redigir com inteira compreensão. As historias ou contos burlescos, que tenham finalidade moral, fortificam a faculdade da atenção pelo ato de ouvir. O canto coral desenvolve os sentimentos esteticos, a par com o desenho, que é ensinado por um processo original do dr. Teodoro Braga. E' deveras interessante, a maneira como as



Uma aula de desenho funcionando sob a direção do professor dr. Teodoro Braga

crianças aprendem as artes rudimentares do desenho. Vão á natureza buscar os modelos que, por vezes, denunciam primévia infantilidade, mas, tambem sóe acontecer observar-se uma grande precocidade de inspiração e senso artistico. Assim como

execução é que manuseiam os melhores livros da especialidade. O espirito associativo dos alunos nota-se no seguinte facto, que muito os honra: No di 4 d'abril de 1912 fundaram o «Gremio Civico e Literario Joaquim Nabuco», que, como rezam os estatutos, tem «por fim cultivar os sentimentos civicos, moraes, especialmente caritativos, familiares, e bem assim desenvolver a iniciativa pelos atos heroicos e humanitarios e o gosto pelos estudos literarios e esteticos». Quanto á elevação moral basta transcrever o que diz o art.º 2.º.—«Louvar ou premiar o sócio que tenha praticado um ato de coragem, nobreza ou humanidade, quer com relação a pessoas estranhas, em qualquer parte dentro ou fora do Colegio, contanto se o facto chegar ao conhecimento da sociedade por terceiros e seja praticado por iniciativa propria e julgado digno de louvor ou premio». Com estabelecimentos de ensino particular, como o Colegio



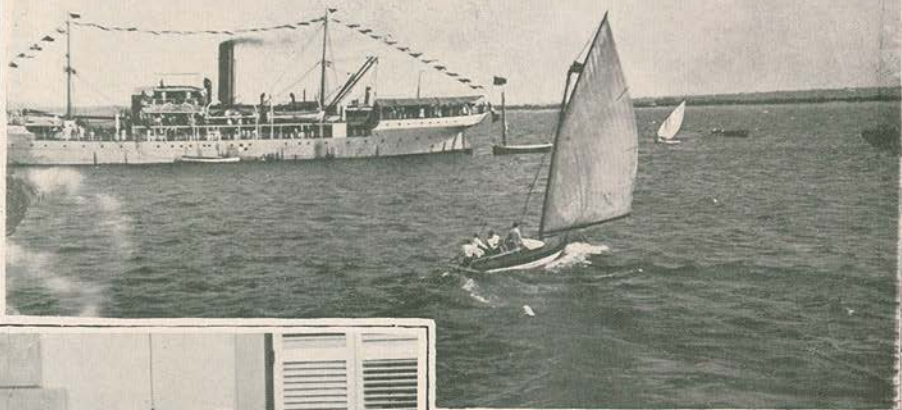
Uma sessão da Congregação dos Lentes e professores do Colegio presidida pelo director sr. dr. Artur Porto: A' direita e vice-director sr. dr. Paula Pinheiro, dr. João Figueiredo, Laudelim Batista, Costa Rodrigues, Castro Figueiredo, Teodoro Braga, J. Malcher filho, professor A'olfo Ferreira, maestro Malcher e academico Mercenas Porto. A' esquerda á secretária D. Helena Teles, D. Anesia Hermann, Guiomar Coutinho, e as professoras do curso primario D. Raimunda Ferreira, D. Julia Ferreira, D. Maria Teles, D. Albertina Souza e D. Maria Ribeiro.

Progresso Paraense, pode o Brazil radicar a idéa de que na Escola é que está o futuro consenlente do seu valor coletivo.

Pará—Julho, 1913.

J. SIMÕES COELHO.

Lawrenço Marques em Festa



A todo o pano. A embarcação vencedora do sr. Chiazari

os congressistas em excursão á quinta experimental do Umbeluzi, de que gostaram imenso, sendo-lhes ali oferecido um excelente copo d'água. Tanto o sr. Ferraz como o sr. Meireles foram incansáveis em mostrar-lhes tudo o que na quinta havia de melhor.

Pelo governador geral, sr. dr. Ferreira dos Santos



Equipe portuguesa. Sr. capitão dos portos, Sales Henrique, Margarida Bulhão Pato, Helena Possolo, Julia e Berta Nazareth

Desde o principio do mez de julho que Lourenço Marques está em festa! As barracas da Feira Franca, o bar e os arcos, tudo coberto com capim, são d'um aspeto admiravel. A iluminação electrica, montada sob as ordens do engenheiro sr. Vaz Gomes, formava de noite um conjunto de bonitas côres. Os pavilhões da *kermesse* e da exposição de objetos d'arte e produtos da Provincia de Moçambique tem sido visitados por todos os colonos e por centenas de forasteiros; os artigos ali expostos mostram bem as riquezas da provincia, mal exploradas, infelizmente.

Visitaram aquella capital trinta e cinco membros da *South African Association for the Advancement of Science* que vieram fazer o seu decimo terceiro congresso. Nos seus discursos foram extremamente gentis para com a Provincia que desejam ver progressiva como o Transvaal para bem de todos. No dia 10 foram



Equipe vencedora do Gremio Nautico. De pé da esquerda para a direita sr. Luiz Costa e Gomes da Silva, sentados os srs. Luiz Possolo, Alvaro Pinheiro e Faria



O escaler a remos do vapor *Chinda* que ganhou o 1.º premio na regata contra um barco do vapor alemão ancorado no porto de Lourenço Marques

e sua esposa a sr.ª D. Virgina Ferreira dos Santos, foi no dia 11 oferecido um *Garden-party* aos congressistas e pessoas da primeira sociedade. O jardim do palacio, cheio de flores, creanças e senhoras, tinha um boni o aspeto que a musica com as suas melodias tornava encantador. A forma amavel porque foram recebidos os hospedes n'esta festa ao ar livre deve ter-lhes deixado uma grata impressão.

A' noite, no Centro Evolucionista d'esta cidade, realisoou o nosso consul em Johannesburg,

sr. Salomão Seruya, uma conferencia em inglez e na nossa lingua sobre as descobertas e colonisação dos portuguezes. O orador foi muito aplaudido, tendo assistido os congressistas e pessoas de todas as classes da colonia.

No dia 12 realisoou-se uma regata em honra dos membros do con-



A tripulação do escaler do *Chinda*; ao centro o imediato que serviu de patrão n'essa regata

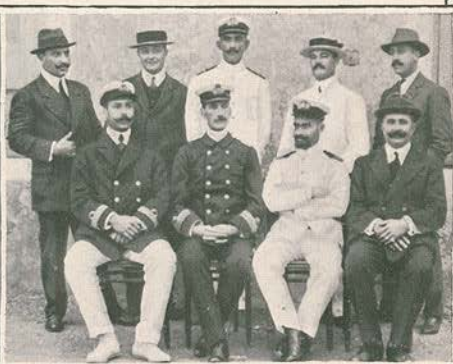


Um batque indigena promoviao pelo regulo de Poelana — (Clichés da fotografia Lusitana)

gresso científico, promovida pelo Gremio Nautico de Lourenço Marques, associação fundada ha menos de seis mezes e que conta já aproximadamente duzentos socios. E' digna de louvor a direção do Gremio pelos esforços que fez para se engrandecer e pela maneira como em tão pouco tempo organisou *equipes* diversas para a regata que constou de muitas corridas de es-

Um dos numeros mais interessantes da regata foi a corrida de canoas a quatro remos, tripuladas por senhoras, sendo uma *equipe* portuguesa e outra ingleza, respetivamente timonadas pelos srs. capitão do porto Sales Henriques, e A. Hafeis.

As senhoras inglezas ganharam a corrida. A' noite, depois d'um passeio na bahia que



1. O pavilhão da kermesse. — 2. Comissão organizadora da regata. De pé da esquerda para a direita: sr. Correia Borges, engenheiro Meen, chefe do caes L. Spencer, F. Chiazzari e tenente Semedo. Sentados: srs. tenentes Montalvão, Tavares Carvalho, Sales Henriques e inspetor da Empresa Nacional de Navegação, sr. Reis

caler, canoas, balieiras, botes, canoas-automoveis e embarcações de vela.

Coveram os primeiros premios ás tripulações timonadas pelos srs. Alvaro Pinheiro, Fi-

estava maravilhosamente iluminada, efetuou-se no Gremio Militar a distribuição de premios, seguindo-se um baile que esteve animado, despertando as danças populares portuguezas



Quinta do Umbeluzi. Congressistas e excursionistas sobre a ponte—(Clichê do sr. Adelino d'Abrunhosa)

gueiredo, tenente Montalvão, Spencer, Paulino e F. Chiazzari.

grande interesse e admiração aos congressistas e forasteiros que ali estavam.



O chá no jardim do palacio do governo em honra dos congressistas da Associação Sul Africana do Progresso Científico
(Clichê da acreditada photographia Luzitana dos srs.-Amaral & C.ª)



Os Congressistas da Associação Sul Africana do Progresso Científico em Lourenço Marques

(Cliché do sr. Adelino d'Abrunhosa)

1, Srs. F. Flowers; 2, W. van der. Mern'e Martens; 3, J. du Preez; 4, Seruya; 5, Professor R. B. Joung; 6, H. Tucker; 7, Tenente Augusto Teixeira, diretor do Observatorio Campos Rodrigues; 8, Dr. A. W. Roberts, presidente da meza do Congresso; 9, H. E. Wood, secretario do Congresso; 10, Professor G. H. Stanley; 12, Juvenal Elvas Florido Santa Barbara; 13, F. G. Tyers; 14, professor J. A. Foote; 15, engenheiro João Henrique von Hafe, vice-presidente do Congresso; 16, professor H. A. Wager; 17, professor W. N. Roseveare; 18, reveren-

do H. A. Junod; 19, reverenda Fitz Harry; 21, o distinto professor sr. Macfayden; 22, Madame M. White; 23, Mademoiselle E. H. Teasdale; 24, J. Daniel; 25, T. N. Leslie; 26, M. White; 27, A. L. N. Bonn, diretor geral da Delagaa Bay Development Corporation; 28, Mademoiselle Jourdaan; 29, J. D. Stevens; 30, Mademoiselle S. B. Lester; 31, Mademoiselle S. Stafford; 32, o governador geral, sr. dr. Ferreira dos Santos, presidente honorario do Congresso; 33, capitão Guilherme de Azevedo, presidente da Camara Municipal; 34, Madame Bonn;

35, D. J. M. Jourdaan; 36, R. J. Innes, diretor do Observatorio de Johannesburg; 37, J. F. Ferreira, secretario da Comissão de Recção; 38, Mademoiselle M. Wilman; 39, Mademoiselle van der Riel; 40, Mademoiselle Roberts; 41, Mademoiselle Azevedo; 42, Madame A. W. Roberts; 43, Mademoiselle G. Watkinson; 44, Mademoiselle E. B. Noble; 45, Mademoiselle N. Foote; 46, Mademoiselle L. Wincom; 47, Madame K. I. Innes; 48, Mademoiselle G. J. Maury; 49, Madame J. Daniel; 50, Madame A. Stephen; 51, W. Flint; 52, Madame Foote.



A LAVADEIRA

De joelhos, de braços, na ribeira,
Cujas águas deslizam mansamente,
Láva, láva, cantando, a lavadeira
Da madrugada até ao sol poente.

Molha, ensabõa a peça... Anda ligeira!
Depois esfrega-a, molha-a novamente.
E bate, e torce e cora-a de maneira,
Que, ao cabo, fica a roupa alvinitente.

Tambem eu quiz lavar o meu tormento
Na ribeira lustral do esquecimento,
Com lagrimas choradas... Tudo em vão!

De nada me serviu chorar, Senhor!
Quando o ciume entenebrece o amor,
Não ha pranto que lave o coração!

JOSÉ FORBES COSTA.

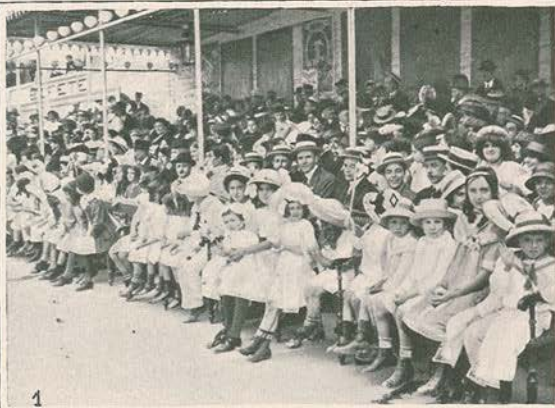
(Soneto classificado no concurso da «Ilustração Portuguesa»)



STUART.

O concurso dos Balões-Pilotos na Amadora

O *Seculo* dá o seu poderoso auxilio a todas as belas iniciativas como por exemplo succedeu hadias apoiando o concurso infantil realisado na Amadora e cujo grande «clou» estava na largada de duzentos aerostatos por outros tantos pequenitos, o



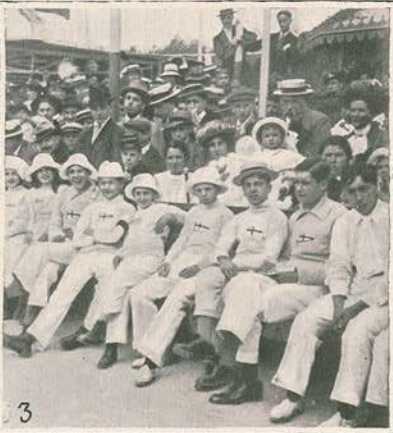
1

que foi d'um deslumbrante efeito.

Constituiu isso o concurso de balões pilotos devendo ser conferidos seis premios do Aereo Club de Portugal a quem encontrar os balões e os enviar ao *Seculo* ganhando os que forem encontrados a maior distancia.



2



3

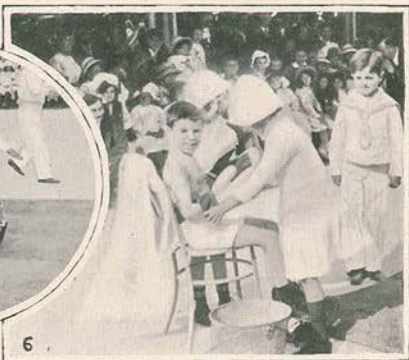
1. Durante a festa desportiva. Um trecho da assistencia entre a qual se vê o sr. José da Silva Graça ◊ que representava o *Seculo* no certamen.—2. O grupo de meninas que tomaram parte na festa.—3. Os rapazes que entraram no concurso.



4



5



6

4. Boxeurs infantis.—5. Lutadores minusclos: Um ataque de *ju-jitsu*—Depois do jogo de *box*.—(Clichés de Benoliel)



No Concurso de Balões-Pilotos organizado pelos Recreios Desportivos da Amadora com a coadjuvação do *Seculo* e do Aereo Club de Portugal. A largada dos duzentos balões pelos pequenitos—(Cliché de Benoliel)

FIGURAS E FACTOS

Nos terrenos visinhos do bairro novo em Algés realisou-se a feira de gado promovida pela liga dos melhoramentos da localidade com o auxilio do *Seculo Agricola* cuja obra nos varios ramos da sua especialidade é já d'um grande alcance.

Mais de mil e quinhentas rezas appareceram na feira tendo-se feito uma larga venda de gado



1



2

1. A feira de gado em Algés: Um rebanho a caminho do mercado—2. Um aspecto da feira—(Cliché Beniel)

muar, cavalar, suino, bovino e caprino. Também houve uma grande concorrência de compradores de instrumentos agricolas, frutas, louças, etc., de que se tinham instalado barracas no improvisado mercado que se continuará a fazer em Algés.



3



4



5



6



3. Sr. Alfredo Searlatti Quadrio diretor da exploração postal internacional, falecido recentemente—4. Sr.^a D. Ana Silva Soares Paquete, esposa do sr. Antonio José Paquete, falecida na Messejana—5. Sr.^a D. Izabel Maria d'Almeida Alvares, esposa do sr. dr. José Filipe Alvares, falecida em Lisboa—6. Sr. Artur Alvaro da Silva empregado da Companhia de Moçambique, falecido em Lisboa

Na casa que o operario João Duarte habitava em Telheiras, foram descobertas pelo agente Jesus, que se disfarçou em trabalhador do campo, algumas bombas de dinamite e ingredientes para a sua fabricação assim como emblemas, ale-



7



8

gorias e manifestos relacionados com o movimento de 27 d'abril ultimo.

O operario sendo preso declarou ser o chefe do grupo *Aurora Revoltora*, que realmente interviu n'aquella tentativa revolucionaria.

7. A descoberta das bombas explosivas em Telheiras: O agente Jesus, que fez a descoberta das bombas, com o seu fardado de trabalhador, à porta da casa com Maria Carolina mãe de João Duarte—8. A policia e alguns curiosos à porta da residencia de João Duarte—(Cliché de Beniel)

J. P. Monteiro de Araujo

(ADVOGADO PORTUGUEZ)

Belem-Pará

ESCRITORIO:

R. Manoel Barata, n.º 19

ENDEREÇO — CAIXA POSTAL N.º 743

PARA'

ACEITA
PROCURAÇÕES
JUDICIAES
E
EXTRA-
JUDICIAES

Dr. Benguê, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA
LUZ A GAZOLINA



UNICA QUE ACENDE COM UM FOS-
FÓCO COMO O GAZ E TEM O
PODER LUMINANTE DE 500 VE-
LAS. APENAS CONSUME UM LITRO
DE GAZOLINA EM 24 HORAS. PE-
DIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PE-
REIRA & C.ª — COIMBRA
Eto-se representantes em todos os concelhos



Leitura Gratuita das Ca- racteristicas e do Destino a todos os Leitores que Escreverem sem Demora.

O Professor Clay Thurton Vance, o famoso sabio parisiense do occulto, oferece gratuitamente um conselho a toda e qualquer pessoa acerca das suas occupações, amigos, inimigos, negocios e modificação, e que n'estes se devem introduzir, e acerca de tudo quanto é necessario fazer para se obter o exito desejado.

A indicação dos a-ontecimentos passados, presentes e futuros da vida de cada um não é uma tarefa de pouca monta,—e comtudo ninguém parece mais desejar de provar como pode desempenhar s-melhante tarefa, do que o Professor Vance.

Este sabio Professor, tendo-lhe alguém perguntado que métodos emprega para poder fazer os seus calculos, respondeu o seguinte:

«Tão certo como a Lua tem sufficiente effeito sobre as grandes massas de agua para provocar o seu fluxo e refluxo, lamem de tal posição das Planetas no momento do nascimento exerce uma influencia directa na vida de toda e qualquer pessoa.

«O meu sistema de ler as caracteristicas e de aconselhar baseia-se n'este plano, de par com a analyse da escrita da pessoa interessada.»

Milhares de pessoas, em todas as sendas da vida, têm aproveitado os conselhos d'este homem. Ele diz-vos tudo do quanto sois capazes e de que maneira podereis vir a alcançar o bom exito desejado. Indicavos o que deveis conhecer a respeito dos vossos amigos e inimigos, e descreve os bons e os maus periodos da vossa vida.

A sua descrição dos acontecimentos passados, presentes e futuros causar-vos-ha assombro e dar-vos-ha um auxilio eficaz na existencia. E, para isso, eis tudo quanto precisa: o nome, escrito pela propria mão da pessoa que o consulta, a data do nascimento e a indicação do sexo. E' isto que o ha de guiar nas suas Investigações. Não quer dinheiro. Mencionem o nome d'este jornal e peçam esta Leitura gratuita. Para aproveitar do presente offerecimento especial e cada qual poder receber uma revista da sua vida, ou qualquer-lhe o nome e a morada, assim como o dia, mez e ano do nascimento, declarando-se o sexo, e se se é casado ou solteiro. Juntem-se os quatro versos seguintes, escritos pela propria mão do interessado:

São milhares os que nos dizem
Que daes conselhos sem dar.

Para atilgar a ventura
Quereis-me o caminho ensinar?

Cada qual poderá, se quizer, juntar 100 réis em selos do correio do proprio paiz (Brazil 300 réis), para despesas de correio e de escripto. Mandem as cartas a Clay Thurton Vance, Suite 508, K., Palais Royal, Paris, França. Não se inclua na carta dinheiro accordado. As cartas para França devem ser franqueadas com 50 réis (Brazil 200 réis).



Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETOZEIROS, 141

Telephone 2777 LISBOA 21

Escola Politechnica

Frankenhausen (Alloma- nha)

Construção de machinas geras e agricolas:
Fictor technica e architectura

POUGUES - LES - EAUX

(3 h. de Paris)

Estomago — Intestinos — Neurasthénia

Para que
=viver?=
triste, miseravel, preocupado, sem a nor,
sem alegrias, sem felicidade quando é tão
facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE,
AMOR CORRESPONDIDO, GANHAR AOS
JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura
GRATIS do professor YNALO, 33,
BOULEVARD BONNE NOUVEILLE — PARIS.



SELLOS PARA COLECCOES

H. POUJAIN, 5, rue Victor-Massé, Paris.

GRANDE REAJAIZ ENcima DOS CATALOGOS

Lista de preços a granelo em com um formulário
sellos de primeira. Mandem para escolher

1000	1000	1000	1000
2000	3000	4000	5000
120	150	180	210
120	150	180	210

MANUEL PEDRO & C.^A

EMPREITEIROS—CONSTRUTORES

IMPORTADORES

CASA FUNDADA EM 1875

ESCRITÓRIOS, OFICINAS E DEPOSITOS

Rua de Bragança, 3 e Travessa de S. Francisco, 23—BELEM-PARÁ



Uma edificação da casa na rua Conselheiro João Alfredo — PARÁ

Pelos seus trabalhos e produtos foram premiados nas Exposições de **CHICAGO, SÃO LUIS, PARÁ, RIO DE JANEIRO, BRUXELLAS** e **TURIM**, n'esta ultima com **GRANDE PRÊMIO** e nas tres anteriores com **MEDALHA DE OURO**.

Possuem as maiores oficinas a vapor do Norte do Brazil, instaladas com as melhores maquinas e dispoendo de pessoal competente para executar qualquer genero de trabalho de **Carpintaria, Ferraria, Serralharia** e **Marcenaria**. Teem sempre um stock colossal de todas as madeiras nacionaes, assim como de pinho branco, de riga e de todos os materiaes de construção.

FORNECEM PLANTAS E ORÇAMENTOS

Encarregam-se da expedição de qualquer artigo, tanto para o interior, pela Estrada de Ferro, como para fóra, por vapores.